



EDUCAÇÃO E CIDADANIA: USO DO ESPAÇO VIVIDO NA ABORDAGEM DE TEMAS DA GEOMORFOLOGIA

Autor (1): Dayane Galdino Brito-ID; Co-autor (1):Giusepp Cassimiro da Silva; Orientadora (1) Josandra Araújo Barreto de Melo

Bolsista do PIBID, Subprojeto Geografia, Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: dayanegaldinobrito2011@hotmail.com; Professor Supervisor do PIBID na E.E.E.F.M. São Sebastião. E-mail: g.sepp@hotmail.com; Coordenadora da área de Geografia no PIBID, Departamento de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ajosandra@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho descreve e analisa a implementação do projeto de intervenção desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB, realizado na Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental São Sebastião, Campina Grande-PB, abordando o conteúdo relevo através das categorias geográficas de Lugar e Paisagem, representando a possibilidade de articular os fenômenos físicos e sociais que compõem o espaço geográfico, tendo como princípio o espaço vivido pelo aluno. Teve como objetivos proporcionar a compreensão do relevo terrestre; relacionar a temática à realidade dos alunos, mostrando que o seu cotidiano faz parte desse processo de transformação e modelagem contínua do relevo, favorecendo a construção de uma compreensão espacial; e, por fim, contribuir com a formação crítica para cidadania. Com isso, no ensino vem sendo abordado o mesorrelevo sendo os vales, encostas e divisores de drenagem, realizando atividades identificando-os na cidade e sua influência através de pesquisas de notícias de jornais, a realização de uma aula de campo e a construção de um caderno de campo. A partir da realização das atividades, foi possível observar o interesse dos discentes pela temática, obtendo como resultados a compreensão de que espaço urbano está construído e integrado a tais formas, além de uma análise crítica de informações que cotidianamente estão ao acesso da população sob uma ótica geográfica. Ao término das atividades, espera-se mudar da visão da Geografia, e esta como possibilidade para compreender sua própria realidade de forma totalizadora dos componentes que a influenciam, para nela atuar consciente.

Palavras-chave: ensino de Geografia, relevo, lugar, paisagem, cidadania.

1. INTRODUÇÃO

O contexto atual marcado pela revolução técnico-científica e a globalização, constitui-se com uma dinâmica de transformações nunca antes imaginadas, na qual a informação, a tecnologia e a ciência modificaram as relações sociais e estas com os elementos naturais,



fundamentando-se na exploração para a produção de capital. Nessa conjuntura, a humanidade vem se interligando e promovendo uma articulação entre todos os indivíduos.

Assim como o mundo vem se transformando, a educação deve formar indivíduos conscientes da importância de seu papel em sociedade, capazes de contestar essa realidade e de tomar decisões para não serem alienados. Dessa forma, com a educação:

[...] busca-se a cidadania, quer dizer, a garantia dos direitos individuais e sociais. É a concretização das leis, isto é, a acessibilidade concreta ao direito de habitação, alimentação, saúde, educação, trabalho, segurança, bem-estar. E, mais do que isso, o direito de buscar a efetivação concreta destas leis no sentido de viver bem, construindo a sua história, e o seu espaço, com dignidade e com consciência clara de ser um sujeito social atuante, com lugar para as suas idéias e para satisfação de suas necessidades. (CALLAI, 2001, p.134).

Com isso, os componentes curriculares do ensino básico devem estar comprometidos com esta proposta de ensino. A Geografia em especial, apresenta uma fundamental contribuição a dar ao ensino, pois o conhecimento geográfico possui o papel de propiciar o desenvolvimento de uma compreensão espacial de forma integrada dos fenômenos físicos e sociais, além de proporcionar a conscientização dos discentes de sua participação no espaço geográfico, tornando-os capazes de realizar raciocínios abrangentes e críticos diante de sua realidade, ou seja, é uma disciplina que instiga a prática da cidadania, de forma reflexiva.

Mas, geralmente a prática escolar do ensino de Geografia se apoderou de uma metodologia mnemônica amparada pelo livro didático, que não leva a reflexão do conhecimento e a demonstração de sua utilidade. Por isso, comumente tornou-se tediosa e sem importância na concepção dos alunos. Porém, o contexto atual, um ensino reprodutivista não está correspondendo aos anseios sociais do período histórico vivenciado (VESENTINI, 2003, p.22). Este compreende um desafio à disciplina, sendo necessário desenvolver uma metodologia que desmistifique a sua falta de importância e para que cumpra seu papel.

Além disso, a Geografia enquanto ciência vivência uma dicotomia interna, através da divisão entre as áreas de geografia física e humana, em que os fenômenos são apenas superpostos, ao invés de serem analisados de forma articulada. Tal entrave reflete-se no ensino, com abordagens conteudísticas, inviabilizando a construção de um raciocínio verdadeiramente geográfico. Isto porque, o conteúdo abordado mantém um relacionamento com o método de ensino, que é a forma com que o professor media suas aulas, resultando um respectivo produto de aprendizagem e raciocínio lógico.



Logo, a abordagem de seus conteúdos deve estar coerente com as suas atribuições. Para isso, devem interagir para superar a fragmentação do conhecimento. Além disso, conforme Cavalcanti (2013, p.20) é necessário utilizar a realidade do aluno, para promover uma aprendizagem participativa, para que represente um significado para o aluno, pois este traz consigo um conhecimento geográfico adquirido através das experiências vividas. Portanto, este aspecto ao ser considerado facilita o acesso ao conhecimento sistematizado da ciência geográfica, resultando em uma aprendizagem eficiente e a sua aplicação nas atitudes do educando. E esta realidade deve ser abordada, pois quando não ocorre:

A consequência dessa des-historização não podia ser outra: o aluno não participa do espaço geográfico que estuda. Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, a natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a geografia torna-se alheia a ele. (RESENDE, 1995, p.84)

Nessa perspectiva, apresentando como ponto de partida a observação da turma 1º “A” do Ensino Médio da E. E. E. F. M. São Sebastião, Campina Grande-PB, selecionada para participar do Subprojeto de Geografia no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), considerando estes aspectos do ensino de Geografia e elegendo o relevo como base para intervenção didático-pedagógica, haja vista ser um componente físico-natural cujo tratamento escolar constitui uma expressiva contribuição, uma vez que possibilita uma compreensão dos processos, agentes, formas e os materiais que o compõe, integrando-o as atividades humanas e, conseqüentemente, a organização do espaço, em benefício de uma formação cidadã (BERTOLINI; CARVALHO, 2010, p.59).

Mediante o exposto, a intervenção trabalhando o relevo através das categorias de Lugar e Paisagem tem como objetivos que o aluno compreenda que o relevo terrestre origina-se a partir de fenômenos naturais, mas que o homem é um agente participativo na sua modelagem uma vez que o ocupa e transforma, podendo ocasionar inúmeras conseqüências; aproximar o conteúdo relevo para sua realidade mostrando-o que o cotidiano do mesmo faz parte desse processo favorecendo a construção de uma compreensão espacial; e por fim contribuir com a formação cidadã crítica dos alunos. No caso do presente artigo, os objetivos consistem em analisar a execução do projeto de intervenção no âmbito das ações do Subprojeto Geografia, PIBID/CAPES/UEPB, realizado na E. E. E. F. M. São Sebastião, Campina Grande-PB.



2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO RELEVO, PAISAGEM, LUGAR E ENSINO

Segundo Guerra e Guerra (2008), o relevo é a diversidade de aspectos da superfície terrestre e divide-se em macrorrelevo, mesorrelevo e microrrelevo. No âmbito do mesorrelevo inserem-se o vale, a encosta e os divisores de drenagem (topos de morros). Desse modo, o ensino do relevo pode ser conduzido de modo que tenha um significado para o aluno, ultrapassando problemas didático-pedagógicos comumente ocorridos pelas dificuldades teóricas, em virtude da necessidade de um elevado nível de abstração para a compreensão. Sendo possível, pois são estas formas que ocupam cotidianamente e exercem influência em suas atividades, além das problemáticas advindas de sua apropriação como, por exemplo, alagamentos, deslizamentos, dentre outros, podendo ser abordadas valorizando a sua vivência.

Neste sentido, fazendo uso das dimensões das categorias de Lugar e na Paisagem representando simultaneamente, o espaço vivido e o percebido. Possibilitando conforme Morais (2013, p.40), estabelecer relações com as demais escalas compreendendo que há formas no interior de formas. Mostrando-os que são agentes participativos no processo na modelagem do relevo.

O conceito de lugar sob a ótica da Geografia Humanística, “[...] é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço vivido, do experienciado” (CAVALCANTI, 2013, p.89). Desse modo, é onde o sujeito se relaciona com o espaço geográfico, pois neste contexto presencia as relações sociais e estas com a natureza, comportando um valor subjetivo para o indivíduo, permitindo aguçar a percepção das interações da sociedade com o relevo e, conseqüentemente, problemáticas advindas. Gerando discussões que levem a compreensão do papel desse componente espacial e a necessidade de considerá-lo para apropriação racional desse espaço. Portanto, consiste esta dimensão o ponto de partida para fomentar a construção de raciocínios mais abstratos.

Percebe-se que neste espaço vivido o aluno desenvolve mecanismos de apreender o espaço de forma seletiva, estando associado a sua experiência de mundo. Logo, as categorias de Lugar e Paisagem, mantém uma relação intrínseca, pois a Paisagem refere-se à apreensão do espaço, e esta é construída a partir de sua experiência, ou seja, no Lugar, como mostra Cavalcanti (2013, p.100):

[...] na formação do raciocínio geográfico, o conceito de *paisagem* aparece, no meu entendimento, no primeiro nível de análise do lugar, estando estreitamente ligado



com esse conceito. É pela paisagem, vista em seus determinantes e em suas dimensões, que se vivencia empiricamente um primeiro nível de identificação com o lugar.

A paisagem para Santos (1988) é

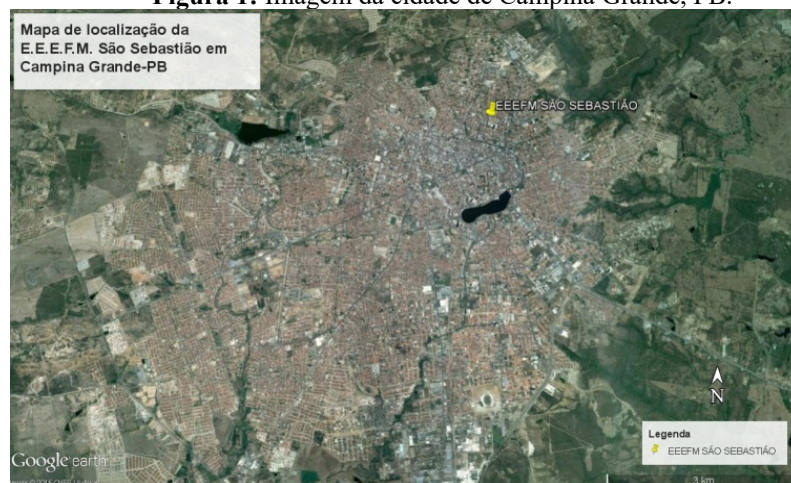
Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.(ibidem, p.61)

Em uma perspectiva de ensino-aprendizagem, representa um mecanismo de desenvolvimento de um raciocínio nitidamente geográfico, ao “trazer à tona o problema (repleto de carga histórica, cultural e político- ideológico) das relações e da integração entre natureza e sociedade (e cultura) e entre o “natural” e o “social” (e o “cultural”) no espaço” (SOUZA, 2013, p.50). Assim, viabiliza a abordagem do relevo visualizado no cotidiano, de forma a oportunizar uma leitura desse componente se inter-relacionando com demais fenômenos que se apresentam na formulação de uma determinada espacialidade, rompendo com o tradicionalismo no que cerne a fragmentação do conhecimento.

3. METODOLOGIA

O presente projeto está sendo implementado na E. E. E. F. M. São Sebastião, localizada no Bairro do Alto Branco em Campina Grande-PB, Zona Norte da cidade (Figura1).

Figura 1: Imagem da cidade de Campina Grande, PB.



Fonte: Google Earth, 2015, adaptado por BRITO, D. G.(2015).

A turma envolvida na proposta de atuação do PIBID é o 1º “A” do Ensino Médio, no turno da tarde, a mesma conta com 25 discentes. A intervenção considera a realidade da turma constatada a partir das observações e da efetuação de um questionário, com a finalidade de identificar as dificuldades e potencialidades de aprendizagem acerca da disciplina, além de sugestões de metodologias que poderiam tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas.

Com isso, no ensino do relevo vem sendo abordado conforme o mesorrelevo, sendo estas os divisores de drenagem, encostas e os vales, percebidas no Lugar e na Paisagem pelos alunos, articulando as diferentes escalas de abordagens, entre as que se apresentam de forma mais abstrata como o macrorrelevo constituído de planaltos, depressões e planícies, visando torná-los agentes participativos do processo de construção do conhecimento.

Para dar prosseguimento ao projeto, foi necessário segmentá-lo em quatro etapas que consistem em:

1. Apresentação do projeto para a turma. A partir da sequência dos conteúdos do livro didático, no decorrer das aulas foi utilizado o projetor para passar vídeos e slides contendo mapas e imagens, exemplificando os fenômenos estudados. Além de aulas discutindo a importância do relevo no cotidiano das pessoas e sobre o mesorrelevo, fazendo o uso dos recursos didáticos como os mapas e imagens;
2. Organização dos alunos em grupos para elaborar cartazes pedagógicos contendo imagens destas formas, demonstrando a influência em suas vidas; Os mesmos grupos pesquisaram notícias de jornais na internet sobre alagamentos na cidade. Foi feito um círculo na classe, onde cada grupo explicou as notícias encontradas abrindo espaços para debates e ao término de cada grupo, as notícias foram fixadas em um mural.
3. Realização de uma aula de campo no Riacho das Piabas, na Comunidade Rosa Mística, que fica nas imediações da escola, para identificar através da Paisagem a influência destas formas na vida das pessoas que, através da apropriação humana, podem resultar em áreas de riscos, no caso específico uma área propícia a alagamentos, tais informações devem ser inseridas no caderno de campo.
4. Entrega do caderno de campo, aplicação de um questionário avaliativo da intervenção conforme a opinião dos alunos.

Neste sentido, optando por uma metodologia participativa visando à construção do conhecimento por parte dos alunos, a pesquisa desenvolveu-se em uma abordagem qualitativa, tendo em vista os objetivos propostos para a intervenção. Baseando-se em revisões bibliográficas e pesquisa de campo, considerando o espaço de vivência dos discentes para abordar o conteúdo conforme as categorias de Lugar e Paisagem.

O projeto baseia-se na concepção que os alunos apresentam uma noção espacial desenvolvida no espaço vivido, portanto está sendo desenvolvido em uma perspectiva fenomenológica, tendo em vista as suas percepções acerca da influência destas formas de relevo no ambiente urbano, em espacial em seu cotidiano.

Atualmente, a intervenção didático-pedagógica está na terceira fase de desenvolvimento, em aulas preparatórias para o campo. Quanto às avaliações, serão realizadas continuamente no decorrer das aulas por meio de participações, a produção dos cartazes pedagógicos e do mural de notícias e a construção do caderno de campo, além da aplicação de um questionário avaliativo do projeto visando analisar o parecer dos alunos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados das práticas desenvolvidas correspondem a primeira e segunda etapa do projeto, uma vez que a terceira, quarta e quinta etapas estão em fase de implementação. Ao dar início ao projeto, havia receio da aceitação dos alunos, por se tratar de uma proposta inovadora e os discentes nunca terem vivenciado algo parecido. Dessa forma, o primeiro dia da intervenção juntamente com o professor supervisor, baseou-se na apresentação do projeto para a turma, mostrando-lhes os objetivos, as etapas de desenvolvimento e os recursos didáticos que seriam utilizados.

A primeira etapa fundamentou-se na abordagem dos conteúdos “Litosfera: evolução geológica da Terra”, “Formas do relevo terrestre” e “Agentes formadoras e modeladores do relevo terrestre” com a utilização de recursos didáticos como os mapas, imagens e vídeos na exposição dos fenômenos estudados, buscando desenvolver a interpretação através da linguagem visual. Os recursos proporcionaram mediar aulas mais atrativas aos olhos dos alunos, verificou-se um estímulo à curiosidade e a participação nas aulas, pois os mesmos

passaram a indagar a respeito dos conteúdos abordados, alcançando os resultados esperados. Estando em consonância com as colocações Silva (2008):

[...] defende-se o uso de recursos diversos para que se concretizem os conhecimentos geográficos, tornando-os palpáveis ao entendimento dos alunos, cujo resultado seja a efetivação do Ensino de Geografia, se constituindo num processo significativo à formação de indivíduos conscientes de suas capacidade transformadoras, enquanto ser social e político.(ibidem, p.29)

A partir da conclusão de tais conteúdos ainda na primeira etapa, tendo em vista o estabelecimento de relações do conteúdo estudado com o cotidiano, foi lido o texto “Geomorfologia” retirado do livro *Aula de Geografia* de Fernandes (2008) com os discentes, ficou evidenciado a participação e o interesse pelas discussões, uma vez que o texto é bastante didático pela forma com o autor trata a temática com uma linguagem simples e leve adequada à compreensão cognitiva dos alunos, repleta de articulações deste ramo da ciência com a sua influência nas atividades corriqueiras da população.

Em seguida, foi discorrido sobre o Planalto da Borborema estabelecendo relações com a escala de abordagem da cidade de Campina Grande-PB, que se situa sob o mesmo, onde se encontram os vales, as encostas e os divisores de drenagem, na dimensão do visualizado e vivido pelos alunos mostrando-os as formas que a população ocupa, utilizando para demonstração a Carta Topográfica de Campina Grande-PB (figura 2). Construindo com os alunos os conceitos e oportunizando a compreensão de que o espaço vivido organiza-se com base em tais formas, construindo uma compreensão espacial.

Figura 2: Aula sobre o relevo local com a carta topográfica da cidade



Fonte: BRITO, D. G.(2015).



Com base nestas discussões e construção de conceitos, os alunos foram divididos em quatro grupos, para fotografarem os vales, encostas e os divisores de drenagem identificados na paisagem do seu cotidiano. Para em seguida, construir cartazes pedagógicos contendo imagens e apresentarem o que fomentou a opção por tais imagens (figuras 3). Conforme Bertolini e Valadão (2009)

Pensar no relevo em termos geográficos é pensar em como acontece a percepção da paisagem vivenciada pelos alunos. É aproximá-los das ideias que possuem a respeito da natureza e das atitudes de cada um em relação ao meio ambiente e, por conseguinte, contribuir para a formação de pessoas comprometidas com as preocupações ambientais. (ibidem, p.28)

Neste sentido, foi obtido como resultado de tal construto a transposição de elementos teóricos para o cotidiano, permitindo a construção de um raciocínio geográfico onde os alunos utilizaram o seu cotidiano, representando seu espaço de vivência, para construí-lo mediante análise da Paisagem, articulando os componentes físicos e sociais. E assim, perceber que o espaço urbano está construído e integrado a componentes naturais e que o mesmo vê-se nesse processo ao despertar que na sua rua ou outro local de seu bairro existem tais formas e respectivas influências na organização espacial, e que de algum modo influencia sua vida.

Figura 3: Construção e apresentação os cartazes pedagógicos



Fonte: BRITO, D. G.(2015).

A partir disto, os grupos pesquisaram notícias de jornais na internet sobre as temáticas da questão do relevo local associadas às formas de ocupação e a drenagem urbana: “alagamentos na Comunidade Rosa Mística”; “alagamentos em Campina Grande-PB”; “alagamentos na Vila dos Teimosos” e “a cratera na Rua José Branco Ribeiro no Bairro do

Catolé em Campina Grande- PB”. Foi feito um círculo na classe, onde cada grupo explicou as notícias encontradas, abrindo espaços para debates e ao término de cada notícia os grupos as fixaram sequencialmente no mural (figura 4).

Figura 4: Construção do Mural de Notícias



Fonte: BRITO, D. G.(2015).

Conforme as colocações de Moraes (2013):

Reforçamos a ideia de que as temáticas físico-naturais do espaço geográfico são conteúdos importantes para a formação dos alunos, visto que as problemáticas que as envolvem fazem parte do seu cotidiano de diferentes formas, seja a partir de sua vivência imediata, seja a partir dos meios de comunicação, da internet etc.(ibidem, p.29)

Os resultados obtidos a partir desta intervenção foram bastante positivos, por proporcionar o desenvolvimento de uma criticidade sobre o espaço com base em informações que cotidianamente estão ao acesso da população, onde os alunos puderam analisá-las sob uma ótica geográfica. Promovendo o desenvolvimento de um raciocínio capaz de pensar o cotidiano, contribuindo com uma formação cidadã. Além de integrar e envolver diferentes componentes na identificação de um fenômeno, e a maneira que sua influência se manifesta na organização socioespacial. Conforme Bertolini e Carvalho (2010):

A despeito da amplitude desse objetivo, o sistema geomorfológico possibilita uma visão integrada da natureza, viabilizando o ensino dos conteúdos do Sistema Terra. Este se configura na interface entre as esferas do planeta: geosfera, hidrosfera,



litosfera, atmosfera e biosfera, o que torna o relevo um conteúdo de convergência das chamadas ciências ambientais. (ibidem, p.59)

Considerando a atual fase do desenvolvimento da intervenção, considera as atividades até aqui desenvolvida com resultados positivos, a partir da realidade do aluno abordando o relevo com as categorias de Lugar e Paisagem. O relevo representa um elemento físico-natural do espaço geográfico, apropriado e transformado pela sociedade da qual faz parte. Com isso, é possível esclarecer que a Geografia se faz presente nas suas atividades cotidianas e através de problemáticas das apropriações.

5. CONCLUSÕES

Então, com as atividades desenvolvidas até o momento, por constituírem importantes bases do desenvolvimento do projeto, é possível constatar resultados positivos através da avaliação contínua, pois corresponde aos anseios das etapas trabalhadas até então, onde é observada a interação dos alunos, permitindo a troca de conhecimentos entre os envolvidos no projeto, além do interesse dos discentes nas discussões a respeito de seu cotidiano e o envolvimento de todos nas atividades desenvolvidas.

Para o ensino de Geografia, a atividade constitui-se promissora, ao mostrar aos alunos que faz parte de sua vivência através da transposição didática para a realidade de seu Lugar e a Paisagem, onde o relevo foi considerando como um componente natural e os discentes ocupam e exercem influência sobre ele, além de participar na distribuição socioeconômica da população, articulando diferentes fenômenos na sua construção do conhecimento.

Além disso, esta prática proporcionou pensar o espaço de forma crítica na identificação de problemas e alternativas, por exemplo, alguns problemas urbanos são colocados muitas vezes por culpa da “natureza”, nesse sentido o aluno com o seu cabedal teórico sobre os componentes espaciais torna-se esclarecido e questionador dessa realidade e passa a cobrar soluções uma vez que a ação antrópica é quem resulta tais problemas pela apropriação indevida. Portanto, a formação instrumentaliza o pensar o real e suas problemáticas sem alienações, ou seja, a prática cidadã é beneficiada por contar com a racionalidade.

Portanto, é louvável a atuação do PIBID, ao aproximar as instituições de ensino, universidade e escola, contribuindo para o aprimoramento do ensino permitindo a



participação dos envolvidos no processo para melhora de sua qualidade. E a Geografia em questão, é extremamente beneficiada por apresentar o licenciando na formação inicial e o professor supervisor na continuada para construção de uma prática com base na realidade escolar e os problemas pedagógicos que o afetam, com as respectivas propostas de soluções.

6. AGRADECIMENTOS

A equipe agradece ao incentivo financeiro com o pagamento de bolsas do PIBID/CAPES/UEPB, bem como a toda comunidade da E.E.E.F.M. São Sebastião, pelo apoio e participação nas atividades desenvolvidas.

7. REFERÊNCIAS

BERTOLINI, W. Z.; CARVALHO, V. L. M. (2010). Abordagem da escala espacial no ensino-aprendizagem do relevo. *Terræ Didática*, 6(2): 58-66 <<http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>> Acesso em: 03/08/2015.

BERTOLINI, W. Z.; VALADÃO, R. C. A abordagem do relevo pela geografia: uma análise a partir dos livros didáticos. *Terræ Didática*, 5(1):27-41,2009. <<http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>>. Acesso em: 07/06/2015

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino?. *Terra Livre*, n.16, p., (2001). <http://www.agb.org.br/files/TL_N16.pdf>. Acesso em: 03/08/2015.

Carta Topográfica-1983 P. M. de Campina Grande. Escala original: 1:10.000

CAVALCANTI, L. DE S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.526.

MORAIS, E. M. B. de. As temáticas físico-naturais como conteúdo de ensino da geografia escolar. In.: CAVALCANTI, L. DE S.; **Temas da geografia na escola básica**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

RESENDE, M. S. O saber do aluno e o ensino de geografia. VESENTINI, J. W. (org.). **Geografia e ensino: Textos críticos**. Campinas, SP: Papirus, 1995, p.83-115.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, A. M. DE A. **O ensino de geografia e os recursos didáticos: uma avaliação inicial acerca dos materiais de ensino e livros didáticos**. [Monografia]. Uberlândia: Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Geografia, 2008.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (org.) **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.